

# O Projeto de uma psicanálise científica

Janaina Namba

Resenha de Richard Simanke, *A Fundação da Psicanálise: uma análise do Projeto de uma psicologia de Freud* – v. 1, São Paulo, Instituto Langage, 2023, 320 p.

O primeiro volume de *A fundação da Psicanálise, do neurônio à memória*, faz parte de um projeto de muito fôlego empreendido por Richard Simanke. Para além de uma tese para a obtenção do título de professor titular, esse livro inicia uma série de seis volumes que conta com um estudo minucioso a respeito dos primórdios da psicanálise.

O que Simanke nos apresenta é um texto que se propõe a analisar internamente de maneira conceitual, estrutural e profunda, acrescida de um contexto histórico, um dos textos freudianos mais estranhos e obscuros, a saber, o “Projeto para uma Psicologia Científica” (que daqui em diante será denominado apenas como “Projeto”), que pode ser visto como estando integrado e em continuidade com o restante da obra freudiana, apesar de se encontrar nos moldes das teorias

neurológicas de um Exner<sup>1</sup> ou de um Meynert<sup>2</sup>. O “Projeto”, como é mais comumente conhecido, é um manuscrito inacabado, “recuperado décadas depois de ter sido escrito, por Marie Bonaparte (1882-1962), juntamente com as cartas e demais manuscritos enviados por Freud a Fliess, [...] em 1950” (p. 18). As primeiras quatro páginas desse texto, segundo Simanke, foram escritas no início de setembro de 1895, num trem noturno vindo de Berlim, em “uma caligrafia febril” que anunciava a intenção de fornecer uma “psicologia científico-naturalista [...] e exprimia noções complexas, mas familiares como ‘neurônio’, ‘inércia’, ‘quantidade’, ‘ação específica’”, entre outras (p. 17).

O texto a que tivemos acesso do “Projeto” foi redigido “num único impulso” ao longo de poucas semanas, tendo como resultado “a forma extremamente abreviada e condensada, com muitos saltos argumentativos, omissões e ambiguidades que contribuem para conferir-lhe um caráter críptico e obscuro, por vezes no limite da ilegibilidade” (p. 19). Apesar de tais características que podem vir a impedir o leitor a se debruçar sobre o texto do “Projeto”, Simanke mostra que essa é “a primeira tentativa de *síntese*, por parte de Freud, dos pressupostos e das indicações teóricas de suas investigações até aquele momento” (p. 26). E a estrutura da análise do texto “procurou seguir as articulações teóricas do ‘Projeto’: ‘Parte Geral’, ‘Psicopatologia’ e ‘Tentativa de apresentar os Processos normais’” (p. 27).

Desde a concepção das afasias, do final dos anos 1890, Freud, ao criticar o *localizacionismo*, propõe que as lesões possam ser funcionais e que se possa “distinguir as paralisias orgânicas das paralisias histéricas”, o que “irá abrir caminho para uma teoria psicológica das neuroses nos anos subsequentes” (p. 33). Em 1893, na “Comunicação Preliminar”, publicação conjunta com Breuer, Freud já considera que as paralisias/paresias ou disfunções sensoriais das histéricas sejam causadas por disfunções psíquicas, ou ainda por traumas que não tiveram uma reação efetiva ou eficaz, considerando assim duas séries de condições: uma em função da natureza do trauma, e a outra não em função das lembranças, “mas pelo estado psíquico em que

1 Sigmund Exner (1846-1926) foi aluno de Ernst von Brücke, como Freud, mas em 1870 já trabalhava como assistente no Instituto de Fisiologia da Universidade de Viena, para posteriormente em 1891 sucedê-lo como professor diretor da cadeira de fisiologia.

2 Theodor Meynert (1833-1892), psiquiatra e neuropatologista. Em 1875 tornou-se diretor da Psiquiatria Clínica, associada à Universidade de Viena.

**Janaina Namba** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora na Universidade Federal de São Carlos. Autora de *Expressão e Linguagem: aspectos da teoria freudiana* (Blucher, 2020).

se achava o doente quando se deram as vivências em questão” (Freud & Breuer, 1892/2016, p. 29).

No mesmo ano de publicação da “Psicoterapia da Histeria” (parte teórica freudiana dos Estudos sobre Histeria), Freud encontra-se às voltas com a oposição de Breuer frente ao seu posicionamento quanto à defesa patológica histerica que envolve a impossibilidade de lembrança dos restos mnêmicos de origem sexual, de modo que são assim mantidos inconscientes. (Freud, 1895/2016, p. 421) Além disso também com a tentativa de elaboração de um trabalho em psicologia que tivesse suas bases orgânicas que intitulava  $\phi\psi\omega$ , o qual consumia boa parte de sua energia e tempo, causando uma mistura de sensações que se habituara comunicar a Fliess:

Agora, os dois cadernos. Eu rascunhei todos num único rompanete desde o meu retorno, e eles trarão pouca novidade para você, mas detenho-me em um terceiro caderno que trata da psicopatologia da repressão [...]. Trabalhei mais uma vez com novos esboços e, nesse processo, fiquei alternativamente orgulhoso e entusiasmado, envergonhado e miserável – até que agora, após um excesso de tormento mental, disse-me apaticamente: ela ainda não se encaixa e talvez nunca o faça (Freud apud Simanke, 2023, p. 40).

Dadas as condições expostas por Freud, normalmente interpreta-se que houve uma crescente decepção de sua parte com relação ao manuscrito, “culminando com o seu abandono” (p. 41). Mas Simanke nos alerta que é preciso ter cautela e problematizar tais interpretações, pois de uma certa maneira as ideias do Projeto estão presentes no capítulo VII de *A interpretação dos sonhos* de 1900, ainda que o vínculo entre a base nervosa e a base psicológica como uma das suas principais preocupações será posteriormente “periodicamente reafirmado, embora jamais cumprido” (Simanke & Caropreso apud p. 41).

Em fevereiro de 1896 ainda escreve a Fliess dizendo que está envolvido com a metapsicologia, que acredita “cada vez mais firmemente na teoria química do neurônio” (p. 43) e que pretende

encontrar com a ajuda do colega os fundamentos fisiológicos da psicologia. Ou seja, “mesmo na apresentação do aparelho psíquico de 1900, os neurônios e as *facilitações* do Projeto continuam a ser mencionados, mesmo que raramente” (p. 44). Na psicologia freudiana que, podemos dizer, teve início com a Concepção das afasias, afirmou que

A cadeia dos processos fisiológicos no sistema nervoso provavelmente não tem uma relação de causalidade com os processos psíquicos. Os processos fisiológicos não terminam simplesmente onde os psíquicos se iniciaram. Na verdade a cadeia continua, só que cada membro dela corresponde, a partir de um dado momento, a um fenômeno psíquico (Freud, 1891/2014, p. 72).

No entanto, em 1898, em outra carta a Fliess, menciona que “não pretende deixar a psicologia pendendo no ar, sem uma base orgânica”, mas de qualquer maneira não sabe como prosseguir, ou como subsidiar tal base para realizar uma ligação como essa, isto é, como se só o psicológico estivesse sendo considerado. Para Simanke, a psicologia freudiana é um “como se” resultante de uma lacuna do conhecimento” (p. 47). Desse modo a metapsicologia ganharia uma tonalidade provisória, o que não implica dizer que o projeto freudiano tenha sido renegado ou abandonado. Até onde nos mostra o autor, devemos vê-lo como uma diretriz programática da teoria psicanalítica que sempre se valeu de áreas afins como etnografia, biologia, medicina, filosofia entre outras.

“A psicologia também é uma ciência natural. Que outra coisa ela poderia ser?” (Freud, 1938/2001, p. 284). É a pergunta que Freud faz, retoricamente, é claro, em “Some Elementary lessons of Psychoanalysis”, texto datado de 1938, e que recupera ideias basilares dos primórdios da psicanálise, isto é, de que a natureza do psíquico é inconsciente e provém de uma base orgânica.

O “Projeto” nos mostra, portanto, “uma definição dessa psicologia científico-naturalista pretendida por Freud e que inclui explicitamente duas ideias centrais – neurônio e quantidade [...]” (p. 54). Não seria uma ideia propriamente

nova vincular os processos psíquicos às atividades neurais de modo a associá-los à mente e aos pensamentos, mas desvinculá-los da anatomia era algo que Freud vinha desenvolvendo há poucos anos, desde a “Concepção das afasias”. A grande novidade, porém, era respaldar e “apresentar os processos psíquicos como quantitativamente determinados” (p. 54). Ou seja, o respaldo de uma psicologia de caráter científico viria da fisiologia, da patologia e da física, pois as quantidades eram pensadas em termos de força e quantidade de movimento.

Para investigar qual o exato significado de quantidade para Freud, Simanke percorre o trabalho de alguns filósofos, psicólogos, médicos pesquisadores que influenciaram o criador da psicanálise, tais como Herbart, Fechner, Brücke, Helmholtz, Exner e Meynert. Segundo esse último, “apenas uma única energia funcional simples, embora seu princípio seja desconhecido, [...] pertence às células cerebrais sob forma de sensibilidade [...]” (Meynert apud Simanke, p. 66). Contrariamente, Freud “distinguirá diferentes formas de quantidades segundo a origem (exógena ou endógena), quanto ao estado de movimento (em repouso ou em fluxo) ou ainda, quanto à sua relação com seus diversos sistemas” (p. 67), isto é, se a energia se encontra livre ou ligada. Seja como for, ela é sempre o correlato daquilo que é designado como afeto e nesse momento inicial encontra-se submetida “à lei geral do movimento”, ou à “lei da inércia” (p. 72).

Do ponto de vista energético, Freud indica que o “afeto tende ao movimento antes que à fixação, então a transposição desta característica para a sua dimensão mínima [...] fornece um panorama de um neurônio pelo qual a quantidade passa, através do qual ela flui [...]” (p. 88). Ou seja, uma ideia que depois irá se desdobrar na descarga dos fluxos nervosos, através do arco-reflexo e que naquele momento podia ser pensada através das *barreiras de contato*.

No entanto, a ideia da existência de barreiras de contato, ou do fluxo nervoso, só irá aparecer após 1884, ano em que Freud dá uma conferência,

instigado pelo próprio Meynert, sobre a estrutura dos elementos do sistema nervoso, que até o momento eram tomados como descontínuos, isto é, o corpo celular e fibra nervosa eram pensados como estruturas separadas e distintas. Somente após a revolução charcotiana no final dos anos 1880 é que o paradigma localizacionista se rompe e as patologias psiquiátricas passam a ser pensadas como se estendendo por todo o corpo, ou seja, não é necessária uma lesão localizada em algum elemento do sistema nervoso para que uma patologia psiquiátrica possa ser desencadeada (Longé, 2021, p. 55-56). Simanke afirma que para Freud:

O princípio de inércia fornece, por um lado, o motivo ou justificativa para o movimento reflexo – eliminar quantidade. Por outro lado, no entanto, esta forma de compreender o reflexo como um esforço para suprimir a recepção de  $Q\eta$  pela emissão completa de  $Q\eta$  complementa a definição do próprio princípio (p. 90).

Ou seja, se anteriormente havia apenas uma tendência à descarga por parte do aparelho nervoso, passa a ser pensado como necessário ao funcionamento um equilíbrio entre a descarga e a manutenção de  $Q$  que acaba por tender a zero. “Mas o princípio de inércia, diz Freud, é rompido desde o início por outra relação” (Freud apud p. 91). Isso significa dizer que a complexidade do sistema nervoso obriga-nos a considerar outros estímulos provenientes do interior do próprio corpo e das grandes necessidades como fome, respiração e a sexualidade; e não um sistema nervoso simples, herdeiro de um protoplasma envolvido por membranas estimuláveis (Freud, 1895/1950/2003, p. 340).

No entanto, em 1920, apesar de Freud não mencionar novamente o protoplasma, ele sugere que imaginemos “um organismo vivo em sua máxima simplificação, como uma vesícula indiferenciada de substância estimulável” (Freud, 1920/2020, p. 105), indicando que a embriologia poderia mostrar uma história evolutiva do sistema nervoso e, portanto, o modo como houve a transformação desse sistema nervoso a partir do

impacto constante dos estímulos provenientes desde fora e do desenvolvimento de uma camada protetora contra estímulos mais intensos (Freud, 1920/2020, p. 107).

Simanke também nos indica que a ênfase que Freud atribui à excitabilidade do protoplasma, em 1895, prepara “a noção de constância, exigida justamente pela diferenciação entre um meio interno em oposição a um meio externo” (p. 96) e “norteará os esforços freudianos para caracterizar funcionalmente seu aparelho de neurônios [...]” (p. 123). E a conclusão sobre essa concepção quantitativa é de que “todas as operações sobre o sistema nervoso devem ser consideradas sob o ponto de vista da função primária ou secundária”, esta última sendo imposta pela necessidade vital (Freud, 1895/2001, p. 341).

Se primariamente o sistema nervoso recebe estímulos e os escoar deixando-os numa quantidade que tende a zero, secundariamente, isto é, somente *a posteriori* ele passa a fugir desses estímulos. De acordo com Simanke, é a necessidade vital que indica à função secundária que não reaja através de uma fuga, mas através de uma ação específica, pois o sistema nervoso não pode fugir dos estímulos endógenos. E com relação aos estímulos exógenos, uma vez instaurada a função secundária, há uma seleção “das respostas reflexas mais eficientes” para uma ação de fuga (p. 125).

Contudo, mesmo se tiverem sido as propriedades específicas de um sistema biológico organizado que exigiram a substituição da inércia pela constância, esta acumulação, não obstante, deve ter suas condições de possibilidade mecânicas estabelecidas. [...] É para justificar esta possibilidade que a noção de *barreira de contato* é introduzida (p. 155).

Ao acompanharmos Simanke, vemos assim que as funções neurais primordiais são a de descarga de quantidade de energia, seja fugindo dos estímulos externos, seja evitando ou agindo sobre os estímulos internos. No entanto, resta uma quantidade mínima circulante dentro do circuito estabelecido pelos neurônios. Isto é, “para que haja

constância é preciso alguma *resistência* que se oponha ao fluxo de quantidade, caso contrário toda ela escoaria para o exterior ao fim e ao cabo, e o sistema retornaria à inércia” (p. 155).

“Portanto, deve-se conceber o neurônio como um dispositivo que evoluiu de tal forma a tornar a veiculação da quantidade o mais eficiente possível, ideia que Freud desenvolverá de forma mais explícita”, ao considerar a memória (p. 156).

Vemos assim que Freud antecipa a estrutura sináptica, isto é, identifica uma estrutura da arquitetura neural que não é o neurônio propriamente dito, mas algo existente entre eles que denomina, como vimos acima, barreira de contato. Essas barreiras impõem ao fluxo de quantidade de energia uma resistência, o que significa dizer que são essas barreiras que determinam a formação de caminhos preferenciais, impondo uma maior ou menor resistência ao percurso (p. 156).

Ora, isso será a base da memória nos termos neurais. Mas como pode-se pensar essa circuitaria que sustenta a mecânica corporal em termos psíquicos? Simanke mostra uma ambiguidade no discurso freudiano: “Ele inaugura aqui o emprego sistemático e frequentemente ambíguo de um misto de categorias e conceitos neurológicos e psicológicos que irá caracterizar a metapsicologia, embora o vocabulário psicológico dos trabalhos posteriores contribua para encobrir essa ambiguidade” (p. 174).

Além disso, quando Freud menciona, no caso Elizabeth, que “as pernas passaram a participar da conversa” e que a dificuldade da paciente era justamente fazer a vida caminhar, pode-se depreender que essa transposição além de ambígua seja analógica e com isso a “mecânica” psíquica, por assim dizer, possa funcionar analogamente à mecânica neural.

Mas além das barreiras de contato, Freud irá considerar também outros tipos de neurônio de acordo com suas diferentes funções:  $\phi$  para percepção e  $\psi$  para a memória. E assim como fez na *Interpretação dos Sonhos* (1900), mostra no “Projeto” que a percepção é incompatível com a memória.

O primeiro livro se encerra com o capítulo a respeito da funcionalidade e o problema da dor. Simanke nos indica que será justamente pela diferenciação entre as magnitudes de energia internas e externas que Freud vem a refletir em boa parte de sua obra que existe “uma relação de proporcionalidade inversa entre a complexidade e a intensidade dos processos” (p. 280). E os processos biológicos, por excelência, pressupõem uma estrutura mais complexa, pois na comparação entre um organismo vivo e os processos físicos do mundo exterior, a quantidade circulante é menor e menos intensa, o que ocorre também com os diferentes sistemas  $\phi$ ,  $\psi$  e  $\omega$ .

Se a disposição dos sistemas, a complexidade e as magnitudes dos processos biológicos dizem respeito à funcionalidade, a dor coloca o problema do limite dessa funcionalidade como Freud já indica nas primeiras linhas da seção 6 (A dor) no

“Projeto”: “Todos os dispositivos de natureza biológica têm uma eficácia delimitada por certa fronteira, fora da qual fracassa. Esse fracasso pode ser visto nos fenômenos que roçam o patológico, proporcionando, por assim dizer, ‘arquétipos’ normais para o patológico” (Freud, 1895/2001, p. 351).

Segundo Simanke a “caracterização da vivência de dor, mais à frente (na seção 12 do *Projeto*), fornecerá ocasião para a formulação do conceito de *defesa*, o qual, na sua versão patológica ou neurótica, dá origem à noção metapsicológica de repressão (*Vedrängung*). [...] O termo repressão já é, aliás, amplamente empregado na Parte II do *Projeto*, como sinônimo de defesa neurótica” (p. 289).

Tais diferenciações quanto à repressão e as noções de defesa, normal ou patológica, serão abordadas no volume que analisará com mais detalhes a segunda parte do “Projeto”.

Aguardemos!